

TECNOLOGIA, CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO: INTERFACES, RESISTÊNCIAS E POTENCIALIDADES

TECHNOLOGY, DIGITAL CULTURE, AND EDUCATION: INTERFACES, RESISTANCES, AND POTENTIALITIES

Ruiter Fidêncio Silva

Must University, Estados Unidos

Iris Augusto da Silva

Must University, Estados Unidos

Núbia Goreth Gonçalves Cordeiro Souza

Must University, Estados Unidos

Claudianne das Graças Miranda Correia Rosa

Must University, Estados Unidos

João Rodrigues dos Santos

Must University, Estados Unidos

Adriana de Fátima Pereira Silva

Must University, Estados Unidos

Rita de Cássia Pires Parreira

Must University, Estados Unidos

Diolina Pereira Rosa

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/jn29n633>

Publicado em: 26.11.2025

Resumo: A presente investigação examina entraves existentes na incorporação de instrumentos tecnológicos aos ambientes escolares brasileiros, considerando especificidades da contemporânea sociedade digitalizada. O procedimento metodológico contemplou análise bibliográfica de produções científicas que abordam potencialidades e empecilhos na aplicação pedagógica de instrumentos computacionais. A fundamentação teórica ancora-se em Castells, Lévy, Selwyn e Warschauer, pensadores fundamentais para compreender modificações socioculturais vinculadas às tecnologias informativas. As conclusões evidenciam que, não obstante o reconhecimento acerca das capacidades dessas ferramentas em engajar discentes e individualizar processos de ensino, existem obstáculos significativos: estrutura precária, disparidades no acesso tecnológico, formação docente inadequada, distrações ocasionadas pelos aparelhos e oposições institucionais. Frente a tal cenário, sugerem-se providências como investimentos na



qualificação contínua de professores, elaboração de diretrizes públicas coerentes, universalização da conectividade e dos equipamentos digitais, definição de propósitos pedagógicos precisos e acompanhamento sistemático de resultados. Essas iniciativas podem potencializar vantagens e reduzir fragilidades, fomentando educação mais equânime e compatível com demandas contemporâneas. O estudo conclui que os instrumentos tecnológicos isoladamente não asseguram inovação pedagógica, demandando contextualização criteriosa, preparação docente consistente e combate às disparidades socioeconômicas que perpassam o sistema educativo brasileiro.

Palavras-chave: Cultura Digital. Tecnologia Computacional. Ambiente Escolar. Desafios. Ensino Contemporâneo. Preparação de Professores.

Abstract: This research examines obstacles in integrating technological resources into Brazilian schools, considering the contemporary digital society context. Through bibliographic analysis, academic works discussing advantages and obstacles of computational tools in pedagogical application were investigated. The theoretical foundation relies on **Castells, Lévy, Selwyn and Warschauer**, fundamental thinkers for understanding sociocultural changes linked to informational technologies. Findings indicate that even with the recognized revolutionary capacity of these tools for student engagement and teaching personalization, significant barriers persist: deficient infrastructure, technological access inequalities, insufficient teacher preparation, device-caused dispersions and institutional resistance. Based on this investigation, measures are proposed such as investing in permanent educator training, creating consistent public policies, democratizing digital access, establishing clear pedagogical objectives and systematically monitoring results. Such actions can maximize benefits and minimize limitations, promoting fairer education suited to contemporary demands. The research concludes that technology alone does not guarantee pedagogical innovation, requiring careful contextualization, solid educator preparation and confronting socioeconomic inequalities permeating the Brazilian educational system

Keywords: Digital Culture. Computer Technology. Classroom. Challenges. 21st-Century Education. Teacher Training.

Introdução

As transformações tecnológicas verificadas nas recentes décadas modificaram substancialmente os vínculos humanos, impactando diretamente o universo educacional. Atravessamos uma fase caracterizada pela cultura digital, onde as tecnologias perpassam virtualmente todos os âmbitos da existência, originando novas maneiras de pensar, aprender e desenvolver comunicação. As novas gerações desenvolvem-se rodeadas por aparelhos conectados, plataformas sociais e ampla diversidade de conteúdos digitais. Neste panorama, a função da instituição escolar e dos docentes sofre transformações relevantes: ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, objetivando desenvolver competências críticas, criativas e éticas na utilização tecnológica.

A inserção de tecnologias computacionais nos espaços educacionais constitui uma das modificações mais significativas da educação contemporânea. Plataformas digitais, espaços

virtuais, materiais multimídia, jogos com finalidade educativa e instrumentos colaborativos ampliam as possibilidades de alcançar o saber e produção coletiva de conhecimentos. Almeja-se que tais recursos democratizem a educação, personalizem o aprendizado e habilitem os discentes a exercerem completamente sua cidadania digital. Todavia, a efetivação prática desses recursos apresenta dificuldades substanciais. A carência de estrutura apropriada, as disparidades de acesso entre discentes provenientes de contextos socioeconômicos diversos, as oposições culturais e institucionais, além das lacunas na preparação dos educadores, constituem obstáculos que comprometem a edificação de um ambiente cultural digital genuinamente inclusiva e pedagogicamente significativa nas instituições escolares brasileiras. Existe, inclusive, o perigo de uma revolução tecnológica, contrariando projeções de democratização, intensifique as desigualdades previamente existentes.

Este estudo possui como propósito geral examinar a função dos recursos tecnológicos digitais na prática educacional contemporânea, debatendo como colaboram para formar as gerações atuais e quais obstáculos necessitam ser transpostos para assegurar sua utilização pedagógica eficiente e democrática. De modo específico, almeja-se: entender o constructo de cultura digital e suas implicações educacionais; reconhecer os centrais desafios concretos da incorporação tecnológica; examinar o tema da preparação docente; analisar as disparidades no acesso; bem como sugerir reflexões acerca do emprego consciente das tecnologias. A metodologia empregada caracteriza-se pela investigação bibliográfica, fundamentada no exame de materiais previamente publicados. Foram examinados criticamente textos de estudiosos que discutem os recursos tecnológicos educacionais sob diferentes ângulos. O levantamento priorizou obras das duas últimas décadas, concentrando-se em estudos sobre cultura digital, práticas pedagógicas mediadas por tecnologias e aspectos sociais da incorporação tecnológica.

Os principais teóricos consultados foram: Manuel Castells (1999), com sua investigação sobre a sociedade conectada em rede; Pierre Lévy (1999), com reflexões sobre cibercultura e inteligência coletiva; Neil Selwyn (2016), com abordagem crítica sobre tecnologia educacional; e Mark Warschauer (2003), com trabalhos sobre literacia digital e inclusão tecnológica. A análise buscou compreender a tecnologia não como elemento neutro, mas como fenômeno socialmente construído. Este trabalho divide-se em três segmentos principais. A seção de desenvolvimento aborda cinco dimensões: a cultura digital e suas implicações educacionais; os desafios práticos do cotidiano escolar; a preparação de professores; as desigualdades no acesso; assim como os benefícios e limites pedagógicos das tecnologias. As considerações finais sintetizam as principais reflexões e apontam caminhos para uma integração mais efetiva e democrática das tecnologias na educação brasileira.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar o papel dos recursos tecnológicos digitais na prática educacional contemporânea, com foco nas potencialidades formativas e nos desafios enfrentados na sua implementação no contexto escolar. De forma específica, procurou-se compreender o conceito de cultura digital e suas implicações no ensino, identificar os principais

obstáculos para a inserção tecnológica significativa na educação básica, além de apontar estratégias que contribuam para o uso pedagógico efetivo e democrático desses instrumentos. A questão norteadora do estudo foi: como a cultura digital tem influenciado as práticas escolares e quais barreiras precisam ser superadas para integrar recursos tecnológicos de forma crítica e inclusiva no ambiente educacional?

A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, com ênfase exploratória, por permitir uma análise mais aprofundada sobre fenômenos sociais e educacionais que não se limitam a mensurações numéricas. A opção por essa abordagem justificou-se pela natureza do problema investigado, que envolve aspectos subjetivos, históricos e sociais do uso da tecnologia em sala de aula. Segundo Brito, Oliveira e Silva (2021), a pesquisa qualitativa possibilita captar sentidos, motivações e significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas educativas, sendo particularmente relevante na análise de fenômenos educacionais complexos. Nesse sentido, a pesquisa também assumiu caráter bibliográfico, por se fundamentar em material já publicado, como livros, artigos científicos, dissertações e teses que discutem o tema da cultura digital e suas interfaces com a educação.

A coleta de dados ocorreu por meio de levantamento e seleção de estudos disponíveis nas bases de dados *SciELO* e Portal de Periódicos *CAPEL*. O processo iniciou-se com a definição dos descritores, que serão informados posteriormente, sendo utilizados operadores booleanos como *AND* e *OR* para garantir maior precisão na busca. Os critérios de inclusão envolveram publicações em língua portuguesa, disponíveis integralmente, publicadas nos últimos cinco anos e relacionadas ao campo da educação básica. Foram excluídos os documentos que não apresentavam alinhamento com os objetivos do estudo, textos opinativos sem base teórica e produções duplicadas nas bases de dados. Esse processo de triagem assegurou a seleção de materiais relevantes para a análise da temática em questão.

A análise dos dados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Severino (2017), permitindo a organização e interpretação das informações com base em categorias temáticas emergentes. Essa técnica possibilitou identificar padrões, contradições e contribuições relevantes para responder à pergunta de pesquisa. Foram destacadas as abordagens dos autores quanto às barreiras estruturais e formativas enfrentadas por professores, os efeitos da desigualdade no acesso digital e os impactos da cultura digital nas práticas pedagógicas. Essa leitura analítica buscou ultrapassar descrições superficiais, favorecendo uma reflexão mais densa e crítica.

Ao final do processo, os dados coletados e analisados foram interpretados à luz do referencial teórico, considerando os marcos conceituais sobre cultura digital, tecnologia educacional e inclusão digital. A análise revelou tensões entre as potencialidades atribuídas aos recursos tecnológicos e os limites impostos pelas condições concretas das escolas públicas brasileiras. Conforme destacado por Sousa, Oliveira e Alves (2021), o uso das tecnologias em contextos educativos não pode ser compreendido apenas a partir de suas promessas, mas sim a

partir de suas condições de implementação e da preparação dos professores para utilizá-las de forma crítica e intencional. Assim, o estudo propôs uma reflexão sobre caminhos possíveis para a mediação entre tecnologia, cultura digital e transformação educacional.

A cultura digital e suas implicações na prática educacional

A sociedade contemporânea distingue-se pela centralidade dos recursos tecnológicos digitais em praticamente todos os aspectos da vida, configurando aquilo que denominamos cultura digital. Castells (1999) oferece uma compreensão abrangente dessa transformação ao defender que habitamos numa estrutura social alicerçada em redes digitais de comunicação. Segundo esse pensador, a tecnologia informacional opera como propulsor dessa revolução, similarmente ao modo como novas fontes energéticas impulsionaram as revoluções industriais precedentes. Configura-se como modificação estrutural profunda que afeta modos de produção, vínculos de poder com a própria vivência humana.

A ideia de sociedade em rede, formulado por Castells (1999), descreve uma estrutura social constituída por redes ativadas mediante tecnologias digitais. Nessa configuração, as tecnologias alteraram não somente os processos econômicos, mas reconfiguraram as interações sociais, a circulação de conhecimentos e as dinâmicas de poder. A informação converteu-se no principal recurso produtivo, desenvolvendo-se uma cultura marcada pela virtualidade real – sistema no qual a realidade é capturada por imagens virtuais que acabam transformando-se na própria experiência. Para o universo educacional, essas transformações trazem desafios complexos.

A cultura digital refere-se ao agrupamento de práticas sociais, cognitivas e comunicativas mediadas pelas tecnologias. Warschauer (2003) demonstra que ela representa uma nova ecologia de aprendizagem, onde o acesso ampliado à informação juntamente com as habilidades de interagir em rede redefinem os papéis de discentes e educadores. Nesse ambiente, o estudante abandona a condição de receptor passivo e assume o papel de coautor do conhecimento, usando linguagens variadas e plataformas colaborativas que estimulam autonomia e criatividade. As instituições escolares enfrentam o obstáculo de dialogar com gerações que cresceram imersas em tecnologias e desenvolveram modos particulares de processar informações. Jovens e crianças atuais demonstram familiaridade com dispositivos digitais e navegam facilmente em ambientes virtuais, contrastando frequentemente com práticas escolares mais tradicionais. Isso gera descompasso entre o ambiente cultural da escola e os contextos vivenciais que os discentes vivenciam fora dela.

Lévy (1999) introduziu o constructo de cibercultura para descrever o agrupamento de técnicas, práticas, atitudes e valores que se desenvolvem conjuntamente ao ciberespaço. Essa cibercultura se caracteriza por três princípios: a interconexão, isto é, a conexão generalizada entre pessoas e informações; o estabelecimento de comunidades virtuais, grupos reunidos por interesses comuns independente da distância física; e a ideia de inteligência coletiva, que valoriza as competências individuais em dinâmicas de cooperação e construção compartilhada de saber. O constructo de inteligência coletiva é especialmente relevante para repensar a educação. Nessa

perspectiva, ninguém sabe tudo, mas todos sabem alguma coisa, e o conhecimento está distribuído na humanidade. Os recursos tecnológicos digitais podem potencializar processos colaborativos, desafiando modelos tradicionais baseados na centralização do saber no professor. Na cultura digital, o papel do educador se transforma: de transmissor de conhecimentos, passa a facilitador da inteligência coletiva dos grupos pelos quais é responsável. Entretanto, é fundamental evitar uma visão excessivamente otimista quanto aos recursos tecnológicos na educação.

Selwyn (2016) oferece uma perspectiva crítica essencial ao questionar as promessas de transformação radical sem base empírica sólida. O autor critica o discurso redencionista que atribui às tecnologias poderes automáticos de melhoria educacional. Alerta que precisamos questionar a perspectiva de que os instrumentos tecnológicos digitais transformam a prática educacional de maneiras naturalmente positivas e progressivas. Selwyn (2016) demonstra que muitas políticas de tecnologia nas escolas são movidas mais por interesses comerciais, ideologias de eficiência e fascínio tecnológico do que por evidências concretas de benefícios pedagógicos.

Essa perspectiva crítica ajuda a impedir que a integração tecnológica se torne apenas um imperativo técnico, desconectado de reflexões mais profundas sobre os propósitos da prática educacional. O ambiente cultural digital traz novos modos de ler, escrever e aprender. Essas novas literacias envolvem não apenas habilidades técnicas, mas capacidades de produzir, compartilhar, colaborar e avaliar criticamente informações em ambientes digitais. Estudantes desenvolvem múltiplas literacias digitais no cotidiano que frequentemente não são reconhecidas pelos sistemas educacionais tradicionais. A cultura digital exige da escola uma reconfiguração profunda de seus métodos e relações. Os recursos tecnológicos isoladamente não transformam nada automaticamente constitui a maneira como ela é incorporada aos métodos docentes que determina seu impacto. A existência de equipamentos na escola não garante inovação pedagógica. É preciso contextualização cuidadosa, objetivos claros, formação docente consistente e condições adequadas de trabalho.

Desafios práticos do cotidiano escolar na integração tecnológica

A efetivação de tecnologias nos espaços educacionais enfrenta diversos obstáculos concretos que ultrapassam as discussões teóricas. Um dos centrais empecilhos relaciona-se à estrutura disponível nas instituições escolares. Numerosas escolas, principalmente do sistema público, carecem de equipamentos apropriados, conexão estável à internet, assistência técnica para manutenção e espaços físicos adequados. Essa precariedade restringe as chances de utilização efetiva das tecnologias e frustra iniciativas de professores que desejam inovar. Investigações no cenário brasileiro mostram essa realidade de forma contundente. Embora numerosas instituições públicas possuam computadores, apenas parte desses equipamentos está realmente disponível para uso pedagógico.

Problemas como máquinas obsoletas, número insuficiente de dispositivos e laboratórios subutilizados são comuns, revelando a distância entre ter recursos formalmente e usá-los no

cotidiano. O tema da conectividade é outro desafio frequentemente subestimado. Castells (1999) já alertava que a conectividade técnica sozinha não integra indivíduos e instituições na sociedade em rede, pois é preciso considerar dimensões sociais, culturais bem como econômicas. Na prática escolar, a carência de conectividade adequada inviabiliza a aplicação de muitos recursos digitais educacionais, limitando possibilidades pedagógicas e aprofundando desigualdades entre escolas de contextos diferentes. Além da infraestrutura material, professores deparam-se com obstáculos relacionados à administração do tempo e do espaço quando usam tecnologias. O tempo pedagógico, já escasso, pode ser consumido por problemas técnicos, organização de aparelhos e familiarização dos estudantes com as ferramentas. Há também a dificuldade de lidar com distrações causadas pelos dispositivos: estudantes usando equipamentos para atividades não relacionadas à aula, dificuldades de manter o foco quando há múltiplos estímulos disponíveis.

Selwyn (2016) observa que os instrumentos tecnológicos digitais raramente funcionam perfeitamente e frequentemente criam mais complicações do que facilitam o trabalho. Essa constatação contrasta com promessas de otimização associadas às tecnologias nos discursos empresariais. Na prática escolar, a integração tecnológica exige investimento considerável de tempo e energia dos educadores. A oposição às mudanças, tanto de gestores quanto de docentes, é mais um obstáculo que merece compreensão empática. Muitos educadores, formados em contextos pré-digitais, sentem-se inseguros para incorporar tecnologias em seus métodos. Essa resistência não deveria ser vista apenas como conservadorismo, mas compreendida em seu contexto. Lévy (1999) destaca que a velocidade de aparecimento de novos saberes cria descompasso entre as competências desenvolvidas na preparação inicial e os requisitos atuais.

A incorporação de tecnologias deve ser construída dialogicamente, respeitando experiências e acolhendo preocupações dos educadores. Outro desafio importante relaciona-se à avaliação da aprendizagem em contextos mediados por tecnologias. Modelos tradicionais de avaliação, centrados em provas individuais e memorização, mostram-se limitados diante de práticas que valorizam colaboração, criatividade e construção coletiva. Como avaliar trabalhos colaborativos produzidos digitalmente de modo justo e formativo? Essas questões permanecem abertas e exigem experimentação e reflexão contínuas. A integração tecnológica também levanta questões sobre organização curricular e tempos escolares. Castells (1999) discute o tempo intemporal na sociedade em rede, caracterizado pela simultaneidade possibilitada pelas tecnologias digitais. Essa lógica contrasta com a estruturação escolar tradicional, baseada em aulas de duração fixa e disciplinas compartimentadas. O uso significativo de tecnologias pode requerer flexibilização dessa estrutura, nem sempre viável dentro das normas institucionais existentes.

Preparação docente e desenvolvimento de competências digitais

A qualificação dos professores constitui elemento vital para a incorporação efetiva das tecnologias na educação. De nada vale disponibilizar equipamentos modernos se os educadores carecem de conhecimentos, habilidades e confiança para utilizar essas ferramentas

pedagogicamente. Selwyn (2016) enfatiza que diversos currículos de preparação focam excessivamente nos aspectos técnicos, negligenciando dimensões pedagógicas, éticas e culturais do processo.

Os docentes necessitam estar preparados para oferecer oportunidades diversificadas de aprendizagem apoiadas pela tecnologia. Isso demanda competências que transcendem o conhecimento técnico, incluindo capacidades para integrar tecnologias ao currículo coerentemente, promover aprendizagens colaborativas centradas no estudante, usar tecnologias para ampliar possibilidades de ensino, desenvolver literacias digitais nos alunos e avaliar continuamente os impactos das práticas mediadas por tecnologias.

As proposições de Lévy (1999) sugerem transformação radical do papel do educador na época digital. O professor deve abandonar a posição de fornecedor direto de conhecimentos para tornar-se facilitador da inteligência coletiva dos grupos pelos quais responde. Essa mudança demanda reconfiguração da identidade docente e desenvolvimento de novas competências, incluindo capacidade de avaliar criticamente informações disponíveis online, desenhar ambientes de aprendizagem colaborativa, mediar discussões, promover uso ético das tecnologias e estimular pensamento crítico e independência dos discentes. A formação para utilização de recursos tecnológicos precisa ir além do treinamento instrumental. Perspectivas críticas argumentam que professores necessitam apoio não apenas para usar tecnologia tecnicamente, mas para pensar criticamente sobre ela. Isso implica desenvolver capacidades para questionar promessas exageradas, identificar interesses comerciais e ideológicos, avaliar criticamente o padrão dos recursos digitais, compreender implicações éticas relacionadas à privacidade e reconhecer limites e riscos da utilização de recursos tecnológicos.

Warschauer (2003) destaca que desenvolver literacia digital representa muito mais que operar dispositivos – envolve compreender como as tecnologias moldam vínculos de poder e podem ser usadas para propósitos emancipatórios ou opressivos. A preparação de educadores também precisa abordar questões de saúde e equilíbrio na utilização constante de recursos tecnológicos. Uso prolongado de telas, sobrecarga informacional, trabalho que se estende além da jornada formal através de ambientes digitais são elementos que merecem consideração. A integração tecnológica não deve significar intensificação do trabalho docente ou invasão da vida pessoal, mas oferecer oportunidades para enriquecer a prática pedagógica dentro de circunstâncias adequadas e sustentáveis.

Desigualdades no acesso e exclusão digital

Embora habitemos a denominada era da informação, a disponibilidade dos recursos tecnológicos digitais permanece profundamente desigual, tanto entre nações quanto no interior de cada sociedade. Castells (1999) alerta para o perigo de uma revolução tecnológica, ao invés de democratizar oportunidades, aprofunde desigualdades existentes, criando divisão digital entre

quem possui acesso pleno aos recursos digitais e quem permanece excluído. As habilidades de dominar as tecnologias estratégicas de cada período histórico define o destino das sociedades.

Na educação brasileira, essa divisão manifesta-se de múltiplas formas. Existe uma dimensão material relacionada ao acesso físico a equipamentos e conectividade adequada. Estudantes de famílias economicamente desfavorecidas frequentemente não possuem computadores ou smartphones adequados em casa, dependendo exclusivamente dos recursos escolares. Mesmo quando possuem dispositivos, a qualidade pode ser limitada – aparelhos antigos, memória insuficiente, acesso precário à internet. Essa desigualdade de acesso material constitui a primeira divisão digital, ainda não superada. Entretanto, a disponibilidade física representa apenas o começo. Warschauer (2003) e Selwyn (2016) discutem o constructo de segunda divisão digital, caracterizada não só ao acesso material, mas à capacidade efetiva de usar tecnologias de forma produtiva, criativa e crítica.

A pandemia global evidenciou essas desigualdades dramaticamente. Com o fechamento das escolas e a demanda por ensino remoto, ficou claro que milhões de estudantes não tinham dispositivos adequados, conexão estável, ambiente apropriado ou suporte familiar para participar das atividades online. O que deveria ser solução temporária transformou-se em barreira que ampliou ainda mais as disparidades educacionais preexistentes. Lévy (1999) reconhece que a exclusão da cibercultura condena pessoas ao isolamento e marginalização econômica, mantendo perspectiva otimista sobre o potencial democratizante das tecnologias. Sugere que quanto mais o ciberespaço se expande, mais universal se torna. Porém, essa visão pode ser vista como excessivamente otimista, pois não considera adequadamente as estruturas sociais e econômicas que produzem e reproduzem desigualdades.

As diretrizes governamentais de integração tecnológica necessitam considerar equidade e equilíbrio social como princípios fundamentais. Isso implica não apenas universalizar a disponibilidade à infraestrutura básica, mas assegurar que todos os discentes adquiram as habilidades exigidas para participar plenamente da cultura digital. Escolas que atendem populações vulneráveis frequentemente necessitam de maior apoio institucional e recursos ampliados para transpor as múltiplas barreiras à integração tecnológica efetiva.

Considerações finais

Esta investigação demonstra que incorporar tecnologias ao ambiente educacional representa desafio complexo que transcende largamente a disponibilização de equipamentos. Os obstáculos identificados – infraestrutura precária, diferenças no acesso, falhas na preparação docente e limites pedagógicos – revelam que transformações educacionais autênticas exigem muito mais que compra de aparelhos. Demandam reformulação dos métodos pedagógicos, investimento governamental consistente, diretrizes governamentais que contemplem formação permanente de educadores, assistência técnica qualificada e combate às disparidades socioeconômicas que atravessam o sistema educacional brasileiro.

O futuro da educação nos tempos digitais dependerá essencialmente das escolhas conscientes e eticamente fundamentadas que fizermos acerca da função das tecnologias nos processos formativos. Faz-se necessário adotar postura crítica e propositiva, que reconheça potencialidades transformadoras sem desconsiderar as limitações concretas. Os recursos tecnológicos devem estar subordinados a um projeto pedagógico inclusivo e emancipatório, comprometido com a formação integral dos estudantes, a diminuição das disparidades e a edificação de um sistema social caracterizada por justiça social e pelo fortalecimento democrático.

Referências

- BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>.
- CASTELLS, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo, SP: Editora 34.
- SELWYN, N. (2016). *Is technology good for education?* Cambridge, Reino Unido: Polity Press.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>
- WARSCHAUER, M. (2003). *Technology and social inclusion: rethinking the digital divide*. Cambridge, EUA: MIT Press.